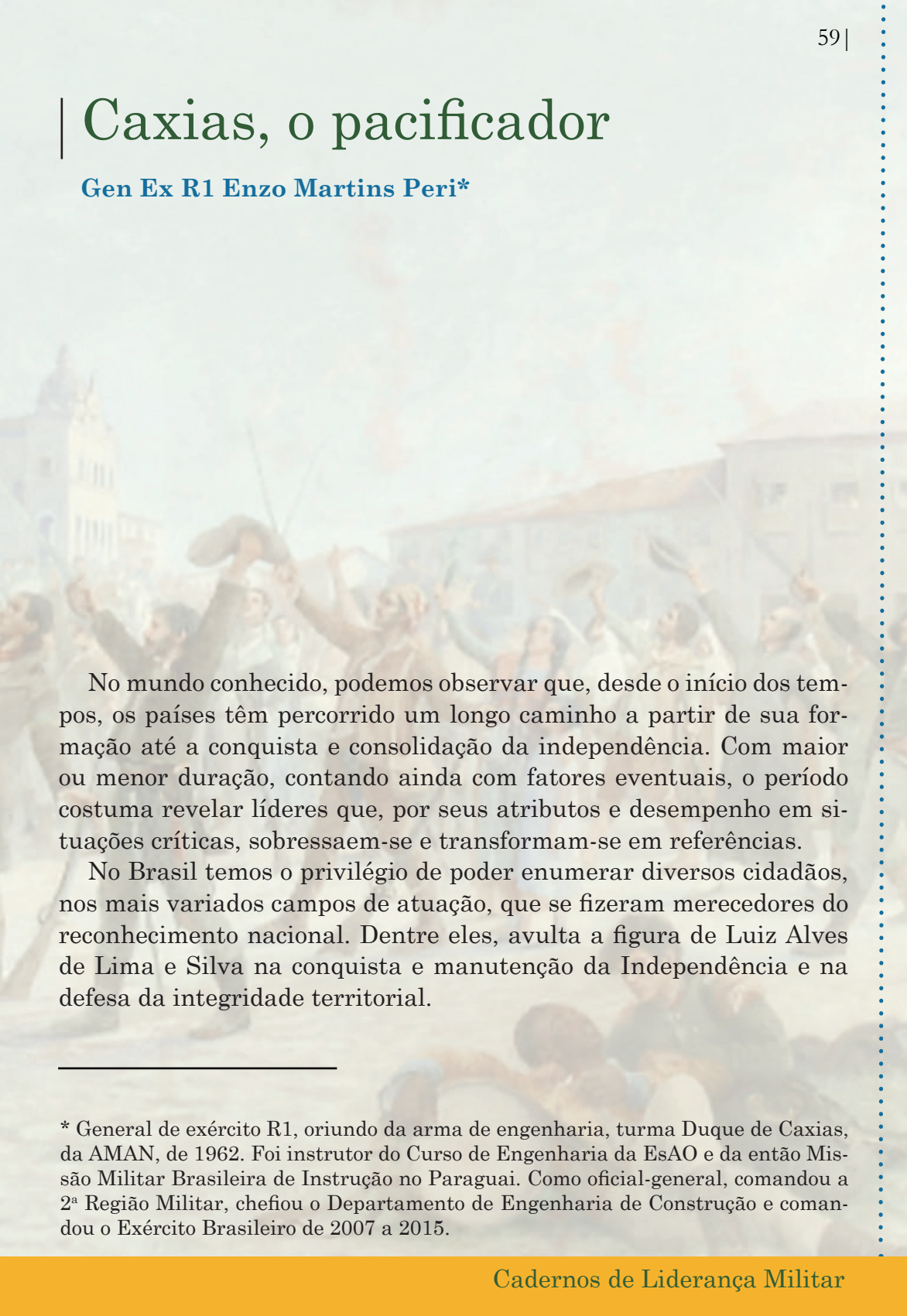


Caxias, o pacificador

Gen Ex R1 Enzo Martins Peri*



No mundo conhecido, podemos observar que, desde o início dos tempos, os países têm percorrido um longo caminho a partir de sua formação até a conquista e consolidação da independência. Com maior ou menor duração, contando ainda com fatores eventuais, o período costuma revelar líderes que, por seus atributos e desempenho em situações críticas, sobressaem-se e transformam-se em referências.

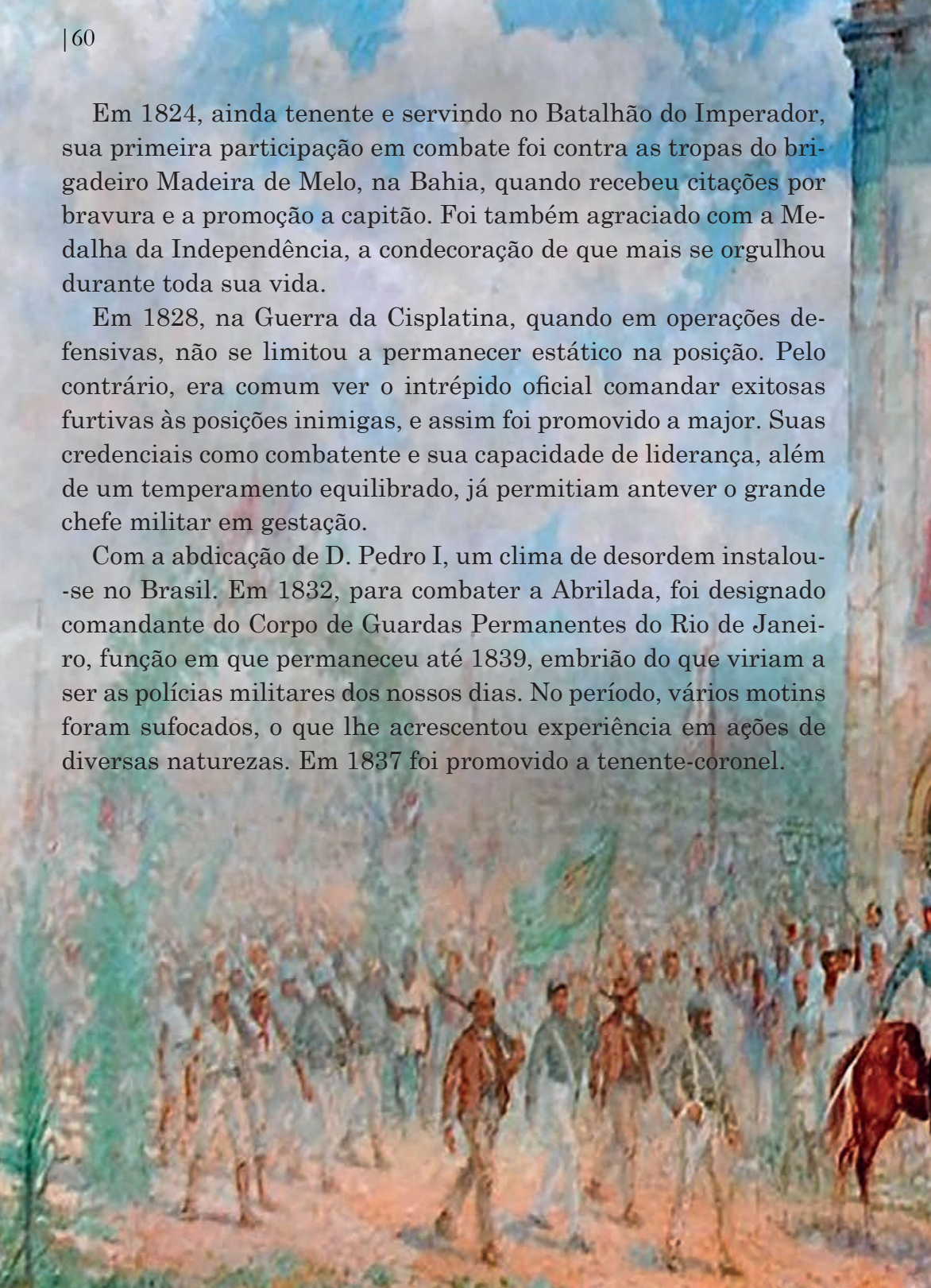
No Brasil temos o privilégio de poder enumerar diversos cidadãos, nos mais variados campos de atuação, que se fizeram merecedores do reconhecimento nacional. Dentre eles, avulta a figura de Luiz Alves de Lima e Silva na conquista e manutenção da Independência e na defesa da integridade territorial.

* General de exército R1, oriundo da arma de engenharia, turma Duque de Caxias, da AMAN, de 1962. Foi instrutor do Curso de Engenharia da EsAO e da então Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Como oficial-general, comandou a 2ª Região Militar, chefiou o Departamento de Engenharia de Construção e comandou o Exército Brasileiro de 2007 a 2015.

Em 1824, ainda tenente e servindo no Batalhão do Imperador, sua primeira participação em combate foi contra as tropas do brigadeiro Madeira de Melo, na Bahia, quando recebeu citações por bravura e a promoção a capitão. Foi também agraciado com a Medalha da Independência, a condecoração de que mais se orgulhou durante toda sua vida.

Em 1828, na Guerra da Cisplatina, quando em operações defensivas, não se limitou a permanecer estático na posição. Pelo contrário, era comum ver o intrépido oficial comandar exitosas furtivas às posições inimigas, e assim foi promovido a major. Suas credenciais como combatente e sua capacidade de liderança, além de um temperamento equilibrado, já permitiam antever o grande chefe militar em gestação.

Com a abdicação de D. Pedro I, um clima de desordem instalou-se no Brasil. Em 1832, para combater a Abrilada, foi designado comandante do Corpo de Guardas Permanentes do Rio de Janeiro, função em que permaneceu até 1839, embrião do que viriam a ser as polícias militares dos nossos dias. No período, vários motins foram sufocados, o que lhe acrescentou experiência em ações de diversas naturezas. Em 1837 foi promovido a tenente-coronel.





Entrada do Exército Libertador
Presciliano Silva, Paço Municipal de Salvador

Em 1839, um movimento de jagunços, chamados “balaíos”, conseguiu conquistar a cidade de Caxias e dominar parte do interior da província do Maranhão. Em função do elevado conceito de que era detentor, Luiz Alves, em dezembro, foi promovido a coronel e nomeado presidente e comandante das armas do Maranhão e do “Exército Pacificador”. No Maranhão, Caxias demonstrou possuir também larga visão nos campos administrativo e estratégico, além de habilidade política.



Guerra da Balaíada
Antonio Oliveria, Memorial da Balaíada, Caxias, Maranhão

Os combates aos “balaíos” estenderam-se até o segundo semestre de 1840. Em setembro, baseado na anistia concedida por Dom Pedro II ao assumir o trono, Luiz Alves de Lima e Silva conclamou os revoltosos remanescentes a encerrarem a luta contra outros grupos, o que foi conseguido parcialmente. No final de outubro, partiu para a cidade de Caxias em sua última missão e, no dia 1º de janeiro de 1841, anunciou a pacificação definitiva do Maranhão. Promovido ao posto de brigadeiro, em julho do mesmo ano, recebeu o título de Barão de Caxias em alusão à cidade revoltosa, núcleo dos rebelados que ele pacificou.





BARÃO DE CAXIAS

Barão de Caxias
Artista desconhecido

Em 23 de setembro de 1842, após debelar a Revolução Liberal em São Paulo e Minas Gerais, Caxias foi nomeado comandante em chefe do Exército em operações contra os Farrapos e presidente da Província do Rio Grande do Sul. Como chefe experiente, em função dos eventos anteriores, atuou nos campos político, administrativo e militar. Após sucessivas vitórias das tropas imperiais, em 28 de fevereiro de 1845, terminava a Guerra dos Farrapos. Caxias foi efetivado marechal de campo e agraciado com o título de conde.

Em junho de 1851, para combater Oribe e Rosas, na região platina, Caxias é nomeado comandante das Forças Imperiais no Sul e presidente da Província do Rio Grande do Sul. A campanha terminou em 3 de fevereiro de 1852, com a vitória contra Rosas na batalha de Monte Caseros. Em 13 de novembro de 1864, o Paraguai declarou guerra ao Brasil. Tropas paraguaias chegaram a invadir o norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, mas acabaram cercadas em Uruguaiana e renderam-se em 18 de setembro de 1865. Em abril de 1866, foi iniciada a invasão do Paraguai e, em 24 de maio, travou-se a Batalha de Tuiuti. O prosseguimento da campanha, no entanto, foi contido pela posição defensiva de Curupaiti e pelas fortificações ao longo dos rios.

A Guerra da Tríplice Aliança não era popular no Brasil por causa do elevado número de baixas e das despesas e pelo sentimento de que somente o Brasil estaria interessado no conflito. Para superar o problema, mais uma vez, o governo recorreu a Caxias, que chegou ao acampamento de Tuiuti, em novembro de 1866. Ele logo demonstrou suas qualidades de chefia e liderança. Comandante já experimentado, tomou todas as medidas necessárias para dar ao local as condições básicas de um acampamento quanto à organização e disciplina. Tomou providências no campo da saúde, implantou o tratamento de água, intensificou as posições defensivas, aperfeiçoou a instrução da tropa e cuidou da alimentação e da melhoria da ração dos cavalos.

Após reorganizar o dispositivo, foram retomadas as operações ofensivas, com destaque para a neutralização de Humaitá e de outras fortalezas. Com a construção da Estrada do Chaco, as tropas conseguiram desbordar a linha fortificada de Piquissiri, uma notável posição defensiva paraguaia. Sua atuação, mais uma vez, foi marcante, tanto pelo exemplo de seu comportamento como pela capacidade de criar as melhores condições para obter o resultado almejado. Sua coragem, ao liderar em momentos críticos, como, por exemplo, a travessia da ponte sobre o rio Itororó, serviu sempre de forte estímulo para a tropa brasileira. López conseguiu fugir para a cordilheira, sendo perseguido por contingentes aliados.

Caxias, à frente do Exército Aliado, deslocou-se para Assunção, em janeiro de 1869. Sentindo-se adoentado e tendo ocupado a capital do Paraguai, decidiu retornar ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1869. Fruto de sua inteligência, de traços de personalidade, de busca permanente de manter-se atualizado com a evolução da doutrina militar em decorrência dos acontecimentos na Europa e Estados Unidos, ele foi aplicando e aperfeiçoando sua capacidade de comando e teve a oportunidade de exercer, na plenitude, seus notáveis atributos de liderança nos momentos mais críticos da história da jovem nação. Não por acaso, tornou-se verbete nos dicionários brasileiros de língua portuguesa como sinônimo de pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas missões.

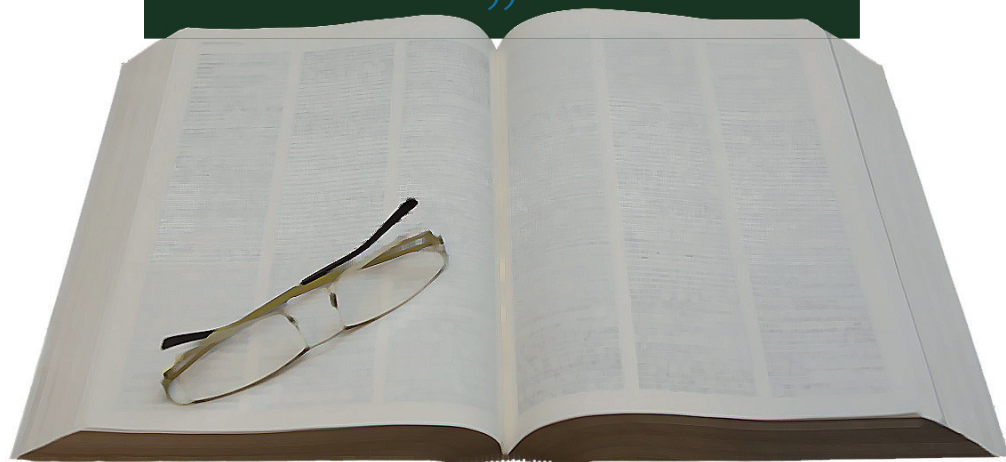
Como bem salienta o grande sociólogo Gilberto Freire, ao refletir teoricamente sobre o conceito de caxiismo, associado à consciência do dever, da responsabilidade e do valor do serviço:

“

Se deriva no Brasil todo um sistema de ética assim de liderança como de serviço, tanto civil como militar, polivalente, portanto, e acima de qualquer simplista antítese civilismo-militarismo.

(FREYRE, 1966, p. 9)

”



Fonte: Pixabay
Gabrielle_TTI

Referências

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra*: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FORJAZ, Cláudio Ricardo Hehl. *Espada de Caxias*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2005.

FREYRE, Gilberto. Forças Armadas e outras forças. *A Defesa Nacional*, 52(605). Rio de Janeiro, 1966.



Fonte: eb.mil.br